

APRENDIZAGEM E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: UM ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA NACIONAL E LOCAL NAS NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Flávio Batista dos Santos¹ (UEL)

flaviobsantos@gmail.com

Marlene Rosa Cainelli² (UEL)

marlenecainelli@sercomtel.com.br

RESUMO

Este artigo pretende discutir a pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Professora Doutora Marlene Rosa Cainelli. Sustentado nos estudos de Jorn Rusen (2001, 2011, 2012), Isabel Barca (2011), Maria Auxiliadora Schmidt (2005, 2008), investigamos a forma de desenvolvimento do ensino de história, considerando a percepção, imaginação e memória dos sujeitos envolvidos na pesquisa, buscando compreender e perceber a utilidade da aula de História, bem como relacioná-la à vida prática de cada um. Nesse sentido, analisamos como a histórica local pode influenciar na formação de uma consciência pautada numa orientação temporal que sustentasse uma interpretação do seu cotidiano. Tivemos como hipótese que o trabalho do professor possibilitaria a produção de narrativas, as quais permitiriam verificar a constituição do pensamento e compreensão histórica dos estudantes. Dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa e para responder a hipótese levantada utilizamos questionários com alunos do 6º e 9º Anos do Ensino Fundamental, além da produção de narrativas, com vistas à compreensão dos saberes, significados e intencionalidades do Ensino de História do ponto de vista dos estudantes. Como resultado da investigação observamos um processo de articulação do pensamento histórico dos estudantes através das narrativas produzidas com predominância da fragmentação na exposição dos acontecimentos com similaridade entre os modos de narrar a história nacional em relação à história local.

Palavras chave: Ensino de História; Consciência Histórica; História Local

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado em Educação, da Universidade Estadual de Londrina, voltada à análise no campo da Educação Histórica sobre o ensino da história local como proposta de aprendizagem histórica.

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Professor da Educação Básica do Estado do Paraná.

² Professora Doutora do Departamento de História e do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Pós-Doutorado em Educação Histórica pela Universidade do Minho.

Tendo como suporte teórico os estudos de Jorn Rusen (2001, 2011 2012), Isabel Barca (2011), Maria Auxiliadora Schmidt (2005, 2008) investigou a forma de desenvolvimento do ensino de história, considerando a percepção, imaginação e memória dos sujeitos envolvidos na pesquisa, buscando compreender e perceber a utilidade da aula de História, bem como relacioná-la à vida prática de cada um.

SENTIDOS DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA PARA ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Compreendemos a História como resultado da experiência humana ao longo do tempo e suas relações com o presente através do entendimento das múltiplas formas em que os seres humanos viveram e pensaram suas vidas em sociedade nos mais diferentes espaços e tempos. Ao ensino de História comumente é destinado a formação de cidadãos onde uma das premissas está a possibilidade da compreensão da história do mundo, do seu país e do local onde se relaciona. Numa nova perspectiva do ensino de História, compreende-se que o processo de aprendizagem é resultante de diferentes memórias, as quais são provenientes das múltiplas experiências humanas, por esse procedimento, a memória deixa de ser única e passa a ter várias vozes.

O estabelecimento de uma relação entre a memória e as experiências ao longo do tempo reforça a necessidade do conhecimento histórico incorporado pelos estudantes ao longo de sua vivência.

Buscando identificar o pensamento que os estudantes têm sobre a História e o seu ensino na escola, questionamos os sujeitos desta investigação a responder sobre a história ensinada em sala de aula.

Nos questionamentos realizados com os estudantes, propusemos uma reflexão sobre a relação entre a História ensinada em sala de aula e a História vivida. Compreendemos a História ensinada como os saberes produzidos pelos sujeitos ao longo da História, representados por aquilo que a escola oferece de maneira formal aos seus estudantes. Por outro lado, a História vivida diz respeito às experiências que professores e alunos vivenciam na sua trajetória, apropriando-se dela e formando uma identidade desses sujeitos. Entendemos que este é um tema relevante no sentido de observar que papel a História representa para os estudantes. Cainelli (2010) ao tratar do sentido dos conteúdos para os estudantes faz as seguintes colocações:

A pergunta que podemos fazer é como tendo ideia do sentido de história podemos ensinar história para crianças? Pensando que antes de qualquer coisa esta história precisa levar em consideração que a criança é capaz de aprender história e pensar historicamente. Ensinar a pensar historicamente significa desenvolver a capacidade de transitar de um modo de argumentar para outro, de relacionar a experiência humana com a vida prática de cada um. Este pensar se concretiza a partir da constituição da narrativa quando o indivíduo interpreta o passado seguindo os princípios e regras da ciência da história (CAINELLI, 2010, p. 19).

Seguindo a linha de pensamento da autora, entendemos que os conteúdos de história fazem sentido para os estudantes à medida que conseguem estabelecer uma relação com sua vida prática. Para isso, precisam desenvolver a capacidade de observar a forma como a história se desenvolve no continuum do tempo. A tabela abaixo demonstra que essa relação entre a História ensinada na escola, ou seja, aquela presente nos livros tem pouca relação com as suas experiências.

Relação entre a História ensinada e a vivida.

	Escola Pública		Escola Particular		Total
	6º ano	9º ano	6º ano	9º ano	
Há relação	14%	25%	60%	73%	39%
Não há relação	83%	75%	40%	27%	60%
Não respondeu	3%				1%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte – autor.

Dos questionários respondidos pelos estudantes 60% apontaram que não há relação entre as duas situações. Índice que é maior entre os estudantes da escola pública, ao passo que na escola particular inverteram-se as respostas.

Ressalta-se que mesmo os estudantes apontando para um distanciamento entre a História ensinada e a História vivida, alguns justificam tal situação mostrando aspectos de mudança, o que seguindo a ideia de que a História se faz com a observação das mudanças e permanências, estes alunos conseguem fazer essa distinção, apesar de não considerar isso como uma relação entre o ensinado e o vivido.

No passado a história é bem diferente do que nos dias atuais, pois não tinha tecnologia como tem agora, o povo era governado de outra forma, poucos tinham acesso a estudo e nos dias de hoje temos mais oportunidades de aprendizado.

Entre os estudantes que apontaram que há uma relação entre a História ensinada e História vivida, percebemos que as considerações feitas vão em direção ao comparativo entre o tempo presente e o tempo passado.

Vejo, pois se a gente não soubesse sobre a história de décadas atrás, a gente não estaria vivendo como hoje. Imagina se existisse até hoje aquela escravidão. Antes as pessoas não tinham o direito de falar como nós temos hoje.

Em relação aos estudantes do 6º ano suas respostas foram muito objetivas no sentido do “não” ou “sim” para a questão proposta. Nestas respostas, especificamente, verificou-se uma busca pela justificativa do sentido ou não da História para os estudantes do 9º ano, ao passo que para os estudantes do 6º ano isso não foi uma preocupação.

Ao selecionar como sujeitos da pesquisa estudantes de dois estabelecimentos de ensino e de turmas com anos de estudos diferentes (turmas de 6º ano e 9º do Ensino Fundamental), nosso objetivo foi observar as possíveis diferenças ou não no que diz respeito ao pensamento desenvolvido pelos estudantes.

Associamos ao pensamento de Peter Lee (2006) quando trata da possibilidade da progressão da compreensão em história pelos estudantes. Segundo esse autor:

A progressão é distinta de uma noção de agregação de informação substantiva e pode ser facilmente seguida em termos de conceitos de segunda ordem. As crianças revelam ideias tácitas acerca desses conceitos históricos, mesmo se nada de explícito lhes é ensinado acerca deles. Estes conceitos tácitos de segunda ordem afetam profundamente o seu raciocínio substantivo e é possível identificar níveis de progressão: os níveis de progressão são constituídos por ideias interligadas, aumentando progressivamente de poder de nível para nível. (LEE, 2006 p. 30).

Nos grupos pesquisados as diferenças existentes entre eles não foram tão significativas quando analisamos no conjunto das respostas os estudantes com o mesmo ano de escolaridade, ou seja, os apontamentos feitos pelos estudantes do 6º ano da Escola Pública foram relativamente próximos dos estudantes do 6º ano da Escola Particular. Entre os estudantes do 9º ano também não foram tão significativas as diferenças entre as respostas dadas pelos estudantes. Percebemos diferenças quando comparamos os estudantes do 6º ano com os estudantes do 9º ano. Nos últimos notam-se algumas explicações mais bem elaboradas, com um poder de análise sobre as questões abordadas maiores do que nos primeiros.

AS RELAÇÕES ENTRE A HISTÓRIA LOCAL E NACIONAL NAS NARRATIVAS DOS ESTUDANTES

O trabalho desenvolvido orientou-se pelos estudos desenvolvidos por Isabel Barca (2006a), segundo o qual numa situação hipotética os estudantes pudessem contar a História nacional e a História do mundo. No nosso caso, mesmo com uma abordagem

semelhante, a tarefa pedida para o grupo de participantes solicitava uma narrativa que abordasse a História nacional e a História local. Nestas atividades solicitou de cada turma que realizassem uma atividade individual escrita onde produzisse uma narrativa a partir do seguinte apontamento:

Você é convocado a recepcionar turistas estrangeiros tendo que narrar a história do Brasil e do local onde vive. Narre nos campos abaixo sua visão sobre o Brasil e o Local onde vive:

Assim como Isabel Barca, nossa análise dos dados coletados nos levou a organizar as respostas dos estudantes, onde pudemos perceber como os sujeitos da pesquisa constituem seus modos de pensar e que aspectos marcam ou expressam a História nacional. Iniciamos pelos marcadores históricos (entendidos como acontecimentos de ruptura) na história nacional (Barca, 2007, p. 120).

MARCADORES HISTÓRICOS

Organizamos nossos marcadores a partir de três pontos de ruptura da História nacional e que pelas narrativas produzidas foram mais citadas. O primeiro marcador a ser detectado foi com a chegada dos portugueses em 1500. Dentro desse marcador, encontramos conteúdos substantivos, bem como de segunda ordem, que envolveram as navegações portuguesas, o encontro entre indígenas e portugueses que, na visão dos estudantes, foram marcados por conflitos, sempre com a vitória dos portugueses, a exploração das riquezas do Brasil, as relações de trabalho, como as trocas de produtos, característica do escambo, as lavouras de cana de açúcar, a exploração da madeira e a introdução do trabalho escravo.

O segundo ponto de ruptura que identificamos relaciona-se com a independência do Brasil. Neste item encontramos referências à vinda da corte portuguesa para o Brasil, citação à Guerra do Paraguai, às atividades econômicas ligadas à cafeicultura, bem como a abolição da escravidão. Inserimos a corte portuguesa, mesmo que cronologicamente esteja no período anterior à independência, porque na narrativa produzida o estudante faz referência ao parentesco existente entre D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II, também

colocamos por entendermos que a vinda da corte portuguesa ao Brasil corresponde ao fim do período colonial brasileiro.

O terceiro agrupamento adotado diz respeito ao período que corresponde à Proclamação da República e se estende aos dias atuais. Neste período os acontecimentos tratados estão ligados à própria Proclamação da República, passando pela participação do Brasil nas duas grandes guerras mundiais, ao processo de industrialização, além de algumas questões ligadas ao desenvolvimento, subdesenvolvimento e pobreza do Brasil, bem como situações ligadas à corrupção, um país acolhedor e ao mesmo tempo preconceituoso, citou-se a violência, o petróleo, o uso de drogas, alguns fatos recentes como o incêndio da boate em Santa Maria – RS, copa do mundo de futebol de 2014 e olimpíadas de 2016. Também se destacaram a valorização das paisagens naturais e os pontos turísticos do Brasil.

Principais marcos históricos do Brasil segundo estudantes do 6º e 9º anos

Marcadores Históricos (Acontecimentos)	6º ano	9º ano	6º ano	9º ano
	EE	EE	EP	EP
Chegada dos Portugueses (Período Colonial):	20	38	18	16
Independência (Império):	2	5	4	4
Proclamação da República (Até os dias atuais):	4	14	1	26

Fonte: Autor.

Para essa tarefa havia ao todo 99 estudantes distribuídos da seguinte maneira: Escola Pública: 27 estudantes do 6º ano e 32 estudantes do 9º ano; Escola Particular: 19 estudantes do 6º ano e 21 estudantes do 9º ano.

Os resultados obtidos em relação à História do Brasil mostram algumas situações distintas quanto à organização do conhecimento que os estudantes têm sobre o desenrolar da História do país. Em primeiro lugar notamos alguma diferença entre os estudantes do 6º ano em relação aos estudantes do 9º ano. No primeiro grupo, a História do Brasil está condicionada ao fator “descobrimento”, ou seja, grande parte das narrativas trata da questão da chegada dos portugueses ao novo mundo, marcando o “início” da nossa História. Já para os estudantes do 9º ano observamos dois momentos distintos nos seus relatos: o primeiro que também trata da questão do “descobrimento”, e o segundo momento relaciona-se às questões da atualidade, como exemplo a citação da violência, das drogas e dos próprios eventos esportivos que estão por acontecer no Brasil. Ao apontar os marcadores históricos, os estudantes da escola pública citaram em maior quantidade aspectos ligados ao

descobrimos do Brasil, ao passo que os estudantes da escola particular apontaram mais para eventos históricos ligados a contemporaneidade.

Outro aspecto a ser destacado se insere no intervalo entre a independência do Brasil e a Proclamação da República. O período citado praticamente é um vazio no imaginário dos estudantes, pois praticamente não foi mencionado, independentemente do ano de escolaridade da qual fazia parte o aluno. No caso dos estudantes do 6º podemos considerar que estavam no início da escolarização do Ensino Fundamental anos finais, já haviam tido a disciplina de História nos anos iniciais, porém, não no formato que se tem no segmento em questão. No caso dos estudantes do 9º ano já haviam tido uma caminhada escolar que certamente entraram em contato com a História do Brasil e com assuntos que compreendiam os mais de cinco séculos da chegada dos portugueses, incluindo os estudos sobre o período do qual fazemos referência.

Maria Auxiliadora Schmidt (2008) ao estudar as perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas dos jovens, elege três categorias para análise das produções dos estudantes: Compreensão Fragmentada; Compreensão Restrita; Compreensão Global. Segundo Schmidt:

Na primeira categoria buscaram enquadrar as narrativas que expressam ideias muito dispersas, apresentando falhas na compreensão, reformulação ou expressão escrita. Na segunda categoria enquadram as narrativas que apresentavam uma compreensão global do aluno, mostrando seu esforço de reformulação da informação, mas centrados apenas num único indicador, utilizando quase exclusivamente das expressões contidas nas fontes e textos. E na terceira categoria buscaram enquadrar as narrativas em que o aluno expressa uma compreensão global da mensagem, diferenciando as várias narrativas e até os elementos discordantes entre elas, procurando fazer uma reformulação das informações à luz da sua própria experiência. (SCHMIDT, 2008, p. 88-89).

Após leitura e análise das produções realizadas com os estudantes e utilizando das categorias desenvolvidas por Barca e Gago (2004) e Schmidt (2008) obtemos os seguintes dados:

Categorias narrativas apresentadas por estudantes do 6º ano

Categorias	6º Ano EE	6º Ano EP
Compreensão Fragmentada	85%	84%
Compreensão Restrita	0	16%
Compreensão Global	0	0
Não respondeu	15%	0
Total	100%	100%

Fonte: Autor.

Categorias narrativas apresentadas por estudantes do 9º ano

Categorias	9º Ano EE	9º Ano EP
Compreensão Fragmentada	72%	58%
Compreensão Restrita	19%	29%
Compreensão Global	6%	9%
Não respondeu	3%	4%
Total	100%	100%

Fonte: Autor.

Pelas narrativas coletadas é possível fazer alguns apontamentos quanto à compreensão que os estudantes têm em relação à História nacional. Em todas as turmas e nas duas escolas onde foram aplicados os instrumentos observamos uma mesma caracterização em expressar os conhecimentos de domínio dos estudantes. A compreensão fragmentada da História é o fator mais recorrente, o que mostra uma dificuldade dos estudantes em organizar um conhecimento mais amplo e global sobre a História. Schmidt (2008) ao estudar as perspectivas da consciência histórica em jovens estudantes aponta que:

Quanto ao tipo de narrativas houve uma predominância, pouco mais de 50%, dos relatos fragmentados, o que nos leva a questionar os sentidos conferidos à concepção do “aprender história”, bem como à cognição histórica, em aulas de história, que não têm contribuído para que os jovens possam construir narrativas mais globais, bem como possam inserir os conteúdos e a natureza da história em suas vidas. Tal fato pode ser explicado porque os professores continuam muito presos ao livro didático e a narrativa dos manuais torna-se predominante, bem como pelo fato de que a atenção aos conceitos substantivos e à ideias de segunda ordem não estar ainda em pauta no ensino de História. Um necessário despertar para investigações que possam balizar a intervenção e auxiliar na formulação de metodologias nesta perspectiva é a exigência que se apresenta. (SCHMIDT, 2008, p. 91).

A compreensão fragmentada expõe uma falta de articulação entre os eventos trabalhados em aulas de história pelos professores, não dando ao estudante a possibilidade de uma apreensão mais abrangente dos acontecimentos, causando, portanto, uma aprendizagem distorcida.

Narrativas compreensão fragmentada

Estudantes de 6º ano	Estudantes de 9º ano
<i>Os portugueses acharam o Brasil onde habitavam indígenas então eles lutaram e os portugueses venceram e então no começo da colonização is indígenas eram escravos e foi Pedro Álvares Cabral que achou o Brasil.</i>	<i>O Brasil quando foi descoberto pelos portugueses havia somente índios e quando os portugueses começaram a retirar as riquezas do Brasil vieram mais portugueses e isso criou as primeiras cidades.</i>

Vemos pelas narrativas uma aproximação na forma de apresentação dos dados referentes à organização do conhecimento sobre a História do Brasil, caracterizadas pela dificuldade coordenar o pensamento. Como vimos esse é o tipo mais comum entre as produções realizadas, independente do ano de escolaridade em que frequentam os estudantes.

Na categoria compreensão restrita, onde os estudantes conseguem ter uma visão global do processo, mas ainda ligada ao acontecimento e, portanto, não fazendo uma reflexão sobre o que levou a este processo, apresenta números reduzidos de estudantes que apresentam este entendimento. O 6º ano da Escola pública não apresentou nenhum estudante nesta categoria. Nas outras turmas, os resultados foram equivalentes, com destaque para o 9º ano da escola particular que apresentou um número maior que as demais.

Narrativas compreensão restrita

Alunos 6º ano	Alunos 9º ano
<i>O Brasil foi descoberto pelos portugueses eles iam para a Índia mas se enganaram e vieram para um território estranho chamado Brasil, eles chegaram e dominaram o território e fizeram os índios de escravos.</i>	<i>O Brasil nunca foi um país admirado ele foi um coadjuvante até o final do século XX. Foi quando ele começou a desenvolver-se, que ganhou espaço na mídia internacional. Dos grandes eventos que aconteceram ao longo do tempo, o Brasil se destacou ou apareceu em poucos deles. É só um espaço vazio no mapa.</i>

Nota-se nas narrativas expostas que há um encadeamento dos acontecimentos, dando uma dimensão dos processos históricos que ocorreram no Brasil. Os estudantes conseguem estabelecer alguns marcos históricos de ruptura com o período anterior, concebendo a História num processo evolutivo através de uma relação temporal entre o antes e o depois.

Quanto à compreensão global, entendida como um processo avançado de entendimento, onde os estudantes estabelecem relações com os marcos históricos de forma autônoma, tivemos poucas narrativas nesta categoria. Apenas 6% dos estudantes da escola pública e 9% dos estudantes da escola particular demonstraram estar neste grupo. Neste caso, se o objetivo do ensino de História é fazer com os estudantes tenham uma compreensão global, pelo menos entre os estudantes pesquisados, há um trabalho longo pela frente.

Narrativa compreensão global

Alunos 9º ano
<i>Brasil foi colônia de Portugal, durante o período colonial o Brasil foi fortemente explorado e isso resultou numa tecnologia industrialização atrasada, que começou em baixa escala apenas no século XIX, por isso está onde está hoje.</i>

Nas narrativas compostas pelos estudantes como global observa-se uma coerência nos eventos ao mesmo tempo em que se justificam determinadas condições em que o Brasil se encontra, mostrando uma compreensão crítica sobre a ação dos portugueses, por exemplo.

NARRATIVAS DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO À HISTÓRIA LOCAL

Ao analisar as estruturas das narrativas produzidas pelos estudantes nos deparamos com certa similaridade entre aquilo que foi realizado em função das produções nacionais e locais. Na nossa percepção as diferenças trazidas nas narrativas dão conta de um cenário mais amplo no campo nacional, onde os relatos estão ligados aos estudos realizados a partir de uma orientação focada num processo linear iniciado com o descobrimento do Brasil e elencados, a partir de então, em lista de fatos correspondentes aos textos bases contidos em livros didáticos e apostilas utilizadas pelos estudantes. No caso das narrativas locais a amplitude dos relatos é diminuída em virtude do trabalho realizado com essa temática se restringir em alguns aspectos da vida local, como a fundação do município. Neste sentido, ao tratar do local os estudantes procuram relatar aspectos que descrevem um pouco o lugar, como as características físicas e humanas. Neste aspecto, observamos que o tratamento dado pelos estudantes ao tratar do local onde vivem aponta para uma aproximação com o tema proposto, onde a afinidade e a crítica são percebidas claramente.

As narrativas produzidas pelos estudantes em relação ao local onde vivem seguem alguns marcadores que estão presentes em grande parte dos textos. Como características são narrativas fragmentadas, onde os eventos são tratados de modo disperso sem uma ordenação entre os eventos.

Basicamente os temas tratados nas narrativas se dividem em três grupos de assuntos: o primeiro deles trata da fundação da cidade, tendo como marcador cronológico o ano de 1947, quando ocorreu a emancipação política do município. Neste ponto também se observa nos relatos uma relação entre o nome atual e o antigo nome do lugar. Inicialmente o local era chamado de Barra Bonita e posteriormente passou a ser denominado de Ibaiti. Outro aspecto difundido nas narrativas é o significado do nome Ibaiti, de origem indígena significa “água da pedra”. Dentro da temática da origem, os estudantes tratam de alguns aspectos ligados à mineração, à cafeicultura como resultado da ocupação do local. Além disso,

relaciona Ibaiti com o seu relevo característico formado por várias serras, que levou Ibaiti a ser conhecida como “Rainha das Colinas”.

Um segundo assunto que dominou as narrativas produzidas diz respeito às características apresentadas pela cidade quanto ao número de habitantes. Para os estudantes, Ibaiti é uma cidade pequena e por conta disso tem na sua tranquilidade, sossego, calma atributos que ora são entendidos como positivos, ora são entendidos como negativos. Nos aspectos positivos, os estudantes demonstram que a pouca violência, o conhecimento dos seus habitantes são fatores que fazem de Ibaiti um lugar aprazível de se viver. Pelo lado negativo, no pensamento de alguns estudantes está o fato do local ser tão tranquilo, o que na visão deles isso é para aposentado, idosos e não para jovens que necessitam de viver em uma situação de agitação.

A cidade onde eu vivo está se desenvolvendo aos poucos, é uma cidade calma, não tem muito trânsito, é uma cidade pequena, as pessoas são gentis, alegres e hoje tem 66 anos de cidade.

O terceiro assunto predominante nas narrativas trata dos pontos turísticos e naturais encontrados no município. Em praticamente todas as narrativas são mencionados locais históricos, como a antiga mina de carvão, bem como algumas paisagens naturais como a “cachoeira do Aristeu” e o “pico agudo”, são lembrados pelos estudantes. Outro aspecto que é um fator de identidade da cidade com seus habitantes é a “rua Paraná”, local onde concentra o comércio do município e por consequência é o espaço de maior movimento. Estes pontos citados criam nos estudantes um sentimento de identidade para com o município, gerando entre eles uma empatia para com o local onde vive.

Observamos nas narrativas alguns marcadores históricos, principalmente ligados à fundação do município, marcadores espaciais, relacionados à localização na região do Norte Pioneiro, no estado do Paraná. No entanto, personagens que fizeram parte da história do município praticamente não aparecem. Os citados estão ligados a termos generalizantes, como mineradores, por exemplo. Individualmente não tivemos nenhuma citação.

Apesar da predominância de narrativas fragmentadas, tivemos algumas que tem uma característica completa, com marcadores bem definidos, fazendo uso das rupturas para contar a história do município. Desta maneira, podemos compreender que o ensino da história local pode dar aos estudantes a possibilidade de análise referente ao pensamento histórico e que, portanto, contribui para uma consciência histórica a partir do local onde está inserido.

Ibaiti tem 65 anos e foi emancipado na década de 1940, porque antes era vila de Tomazina que se denominava Barra Bonita que na época era o maior produtor de café em coco da região do norte pioneiro até 1975, com uma geada que afastou muitos grandes produtores e diminuiu muito a população. Criou como se fosse uma crise econômica. Mas superou todos os obstáculos. Hoje em dia o forte em Ibaiti é o comércio no centro que atrai famílias de toda a região para vir aqui.

Percebemos na narração uma ordenação do pensamento, facilitando o entendimento da mensagem desenvolvida pelo estudante.

Notamos ao ler as narrativas, mesmo que com algumas fragilidades na sua construção, que é possível estabelecer ações para melhoria do processo de ensino e aprendizagem a partir da História local, tendo em vista que as bases de sustentação da disciplina dentro do campo da educação histórica a qual está relacionada com a inserção do estudante no processo de aprendizagem podem ser desenvolvidas.

CONSIDERAÇÕES

Podemos notar em relação ao pensamento esboçado pelos estudantes ao serem inquiridos sobre a História nacional e a História local as similaridades em que ambas se estruturam. Suas construções são marcadas pela fragmentação, se estruturam a partir da origem, seja ela pelo descobrimento ou pela emancipação política, apresentando, portanto, marcadores históricos e temporais que seguem uma mesma lógica. Levando em consideração que a aprendizagem histórica resulta da apreensão das mudanças e continuidades ao longo do tempo e não exclusivamente por conteúdos estáticos, tanto os estudos sobre o local quanto sobre o nacional dão suporte para a formação do conhecimento histórico.

Ao apresentar os resultados da pesquisa, ressalta-se a possibilidade de se inserir no contexto do Ensino Fundamental, anos finais, a História local como um princípio epistemológico no ensino de História. Essa inserção é possível uma vez que o pensamento histórico se concretiza tanto em ambientes globais como locais, como observado nas produções narrativas desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARCA, I. Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em história. In: Perspectivas em educação histórica. **Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de**

Educação Histórica. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2001. p.29-43.

_____ O papel da educação histórica no desenvolvimento social. In.: **Educação histórica: teoria e pesquisa.** CAINELLI, M. SCHMIDT, M. A. (Orgs.) Ijuí: Unijui, 2011.

BARCA, I. GAGO, M. Aprender a pensar em História: um estudo com alunos do 6º ano de escolaridade. Revista Portuguesa de Educação, p. 239-261, 2001. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/563/1/14IsabelBarca.pdf>. Acesso em 18/02/2014.

CAINELLI, M. R. Entre continuidades e rupturas: uma investigação sobre o ensino e aprendizagem da História na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 127-139, out./dez. 2011. Editora UFPR.

_____ O que se ensina e o que se aprende em História. In.: História: ensino fundamental. OLIVEIRA, M. M. D (Coord). **Coleção explorando o ensino: História**, vol. 21. Brasília: MEC/SEB, 2010.

LEE, P. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar em Revista: Número Especial.** Curitiba, 2006. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/viewArticle/5543>. Acesso em 20/12/2012.

_____ Progressão da compreensão dos alunos em história. In. BARCA, Isabel (Org). Perspectivas em educação histórica. **Actas das Primeiras Jornadas Internacionais da Educação Histórica.** Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia – UMINHO, 2001.

RUSEN, J. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas.** Trad. Historiches Lernen. Curitiba: WA Editores, 2012.

_____ **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico.** Trad. Estevão de Rezende Martins. Editora Universidade de Brasília, 2010.

_____ **Razão histórica: os fundamentos da ciência da história.** Trad. Estevão de Rezende Martins. Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____ **Reconstrução do passado: teoria da história: os princípios da pesquisa histórica.** Trad. Estevão de Rezende Martins. Editora Universidade de Brasília, 2007.

SCHMIDT, M. A. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Mª F. C. et alii. **Ensino de História: Sujeitos, saberes e práticas** – Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ, 2007.

_____ Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens. **Rev. Tempos Históricos**, v. 12, 1º sem – 2008 – p. 81-96. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2778012>. Acesso em 20/01/2013